A RUPTURA DA TEORIA HISTÓRICA A PARTIR DO TRABALHO DE HANNAH ARENDT

Raí Souza Costa[1]
Joelson Pereira de Sousa[2]

RESUMO

O trabalho intitulado "A RUPTURA DA TEORIA HISTÓRICA A PARTIR DO TRABALHO DE HANNAH ARENDT.", procura em seu desenvolvimento possibilitar a investigação da perspectiva teórico histórica da autora, partindo de suas visões a cerca das experiências políticas na Europa do sec. XX buscando propiciar, uma base para a discussão no campo da teoria da história, em que visa apontar a partir da perspectiva de Hannah Arendt a insuficiência das teorias tradicionais da história frente ao conceito de ruptura entre o passado e o futuro, que coloca a história em um patamar onde as teorias convencionais não dão conta mais de explicar os novos fenômenos da humanidade que a história tem que entender e registar, em virtude deste marco em sua observação se dar na Europa no sec.XX se faz necessário autores referencias que abordem a temática especificamente da Europa na segunda guerra mundial bem como de teóricos da história, para tal foram utilizadas a autora Hannah Arendt em suas obras entre o passado e o futuro e origens do totalitarismo, onde são cruzadas com obras de teóricos da história como a "história, de Heródoto (2016), "O oficio do historiador, de March Bloch (1982) "A era dos extremos, de Hobsbawn (1995)" 'A Alemanha de Hitler, de Stekelberg (2002)". A fim de mostrar a partir de Hannah Arendt que o surgimento de novos paradigmas historiográficos a partir do sec. XX não se deram ao acaso más estão ligados ao contexto sobre tudo político da segunda guerra mundial na Europa.
Palavras Chave: Hannah Arendt, Teoria histórica, Ruptura, Tradição.

PERSPECTIVA ARENDTIANA DO CONCEITO DE HISTÓRIA

Arendt ao se debruçar sobre a história, inevitavelmente irá buscar nos gregos o seu parâmetro de aferição para discorrer sobre o conceito da historia, tendo *Heródoto*[3], o pai da história, como objeto inicial de sua visão, a autora observa que incialmente a história tinha um propósito

[1] Acadêmico do VII Período do curso de História – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X. Bolsista Iniciação Científica – FAPESB. Orientador: Prof. Me.
[2] Professor na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X. Orientador no Programa de Iniciação Científica – FAPESB.
[3] Heródoto foi o primeiro não só a gravar o passado, más também a considerá-lo um problema filosófico ou um projeto de pesquisa que podia revelar conhecimento do comportamento humano. A sua criação deu-lhe o título de "pai da história" e a palavra que utilizou para o conseguir, historie, que previamente tinha significado simplesmente "pesquisa", tomou a conotação atual de "história".

bem delineado e especifico de assegurar aos feitos dos homens a devida glória a fim de que suas marcas não sejam apagadas pelo tempo, tempo este que é a matéria prima da história. Inicialmente com *Heródoto* e depois com outros grandes historiadores a história irá dar conta dos grandes feitos; guerras, conquistas, catástrofes etc., sempre fatos ou feitos relacionados ao poder do homem sobre algo ou alguém, os primeiros registros da história irão se dedicar a divulgação do homem e suas capacidades de dominar outros homens ou a natureza, com a finalidade de coloca-lo em um patamar de *status* maior e a história irá fazer esse papel durante muito tempo.

> Comecemos com Heródoto, cognominado por cicero de *pater historiae.* E que permaneceu como pai da história Ocidental. Diz-nos, na primeira sentença das *guerras Pérsicas,* que o propósito de sua empresa é preservar aquilo que deve sua existência aos homens , para que o tempo não o oblitere , e prestar aos extraordinários e gloriosos feitos de gregos e bárbaros louvor suficiente para assegurar –lhes evocação pela posteridade, fazendo assim sua gloria brilhar através dos séculos. (ARENDT, 1954, p.69-70).

Essa perspectiva de história dos fatos e dos feitos foi à prerrogativa durante muito tempo para o ofício do historiador, o objeto de estudo das ciências humanas é o homem, especificamente em história, os feitos do homem, todavia estes feitos têm que ser merecedores do protagonismo que a história lhes confere, pois desvincular o homem de sua natureza perecível nem que seja ao menos no campo historiográfico foi o que Arendt detectou em sua percepção, inclusive em outros autores da história, que desenvolvem diferentes outros paradigmas más sempre reiteram a característica fulcral do homem e seus feitos para a historiografia, na medida em que a ciência assume sua característica moderna o homem deixa de ser exclusivamente o foco da ciência, passando a ser também um agente passivo do mundo, que contempla os fenômenos inerentes a ele, porém, que pode nem sempre estar inserido na causa desses fenômenos, para a historiografia essa perspectiva é absorvida das ciências modernas ao desvincular o homem de seus feitos para poder inseri-los na história.

> A ciência moderna modificou a relação do homem com o mundo. Ela foi "capaz de emancipar-se completamente de todas as semelhantes preocupações antropocêntricas, isto é, verdadeiramente humanísticas [...] Para o cientista o homem nada mais é do que um observador do universo em suas múltiplas manifestações (...) (SHIO, 2012, p27).

Arendt traça esse aspecto como inicial na delimitação da ciência historiográfica, baseada nos princípios da ciência moderna, sobre tudo, com o advento das ciências sociais no sec. XX, a história perde a característica da observação do homem e seus feitos, más, em sua prática, incorpora métodos das ciências humanas, objetividade e imparcialidade passam a serem critérios de produção e observação que devem tanger a produção cientifica e historiográfica deixando de lado a visão

singular do homem para visão plural do homem, os estudos das sociedades e a perspectiva de uma história cíclica tendo sua influência também nas ciências biológicas passam a reger o campo historiográfico e ciências como sociologia e antropologia passam a fazer contribuições significativas para a história que permitem ao homem quebrar esse ciclo e impor sua marca, neste momento Arendt percebe que a o conceito de história se reformula da antiguidade para a modernidade não estando atrelado ao homem, más sim a natureza, ao passo em que se da á ação e a disposição dos fatos na perspectiva da história, isto é, os fatos históricos se dispõe de forma similar aos fatos naturais.

> Nosso moderno conceito de História não e menos intimamente ligado ao moderno conceito de natureza que os conceitos correspondentes e bem diferentes que se encontram no início de nossa historia. Também eles o podem seu pleno significado quando sua raiz comum é descoberta (ARENDT, 2002, p.78)

A visão de História segundo a ótica de Arendt tem sua gênese na premissa dos grandes homens e grandes feitos, contudo, ao perpassar pelo sec. XX. A autora percebe a influência enorme das ditas ciências sociais, que diferente da história não estão comprometidas com o "elucidar dos fatos" tão qual o método indiciário de *Ginzburg* afirma, mas, preocupadas sim com a elucidação do próprio homem enquanto ser atuante no espaço em que vive, a história ao abrir mão da premissa exclusiva de grandes feitos singulares de homens a incorporar aspectos do arcabouço das ciências modernas, passa a ter um olhar historiográfico para o homem enquanto ser social, politico, econômico, religioso etc., se multifacentando em ramificações de estudos que são auxiliados pelas ciências humanas emergindo no sec. XX. Se diferenciando daquilo que Heródoto chama de plano de história, onde a história e suas intenções são definidas e muito bem definidas a tudo aquilo que é grande, esplendoroso e que possui potencial de alimentar a glória do estado ou do povo.

> Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas; desejava ainda, sobretudo, expor os motivos que os levaram a fazer guerra uns aos outros. (HERÓDOTO, 2006, p.30).

A perspectiva da história passa a ter uma nova forma e novos objetivos, o foco em civilizações com menos protagonismos, fatores negligenciáveis etc., a importância a detalhes e características do homem e suas produções em todos os aspectos que servem de "interrupção no processo continuo da história" e não apenas os grandes feitos, passam a fazer parte desse novo

escopo de ciência histórica, tal qual Ginzburg[4] em seu método do paradigma indiciário vem mostrar, baseado sobre tudo nos pequenos aspectos da história que foge a perspectiva inicial macro dos gregos, nesta nova característica da história, Arendt constata que vem sendo abordada e trabalhada por vários historiadores e passa a fazer parte de sua teoria, onde conceitos não são mais advindos da produção do homem, más sim do próprio homem enquanto ser, afirma a autora.

> Na época moderna a historia emergiu como algo que jamais fora antes. Ela não mais compôs-se dos feitos e sofrimentos dos homens dos homens, e não contou mais a estória de eventos que afetaram a vida dos homens; tronou-se um processo feito pelo homem , o único processo global cuja existência se deveu a raça humana. (ARENDT, 2002, p.89.)

Neste sentido a história humana se faz pelo homem através de suas mãos em todos os aspectos, diferentemente da antiguidade, não apenas os feitos esplendorosos tem seu lugar nos arautos da história, mas sim, demais outras características que se mostram fundamentais para o desenvolvimento e o curso da historia como; a política, a economia, religião, militarismo dentre outras. Estas etapas pelas quais passam o desenvolvimento humano também são por onde perpassam o curso da história determinado suas implicações futuras para humanidade.

RUPTURA COM A TRADIÇÃO

As primeiras palavras escritas por Arendt na abertura do ensaio *A tradição e a época moderna* (In: *Entre o passado e o futuro.* 2011, p.43-68), são cruciais quanto à sua análise da tradição do pensamento político, acerca da qual poderíamos precisar tanto o começo, quanto o fim. Para ela: "A tradição de nosso pensamento político teve seu início definido nos ensinamentos de Platão e Aristóteles, chegando a um possível fim que ela chegou a um fim não menos definido com as teorias de Karl Marx." (2011, p.43) Mais importante, que apontar Platão e Marx como os marcos que ora inicia, ora finaliza uma tradição, é reconhecer a tese fundamental de Arendt de que o fim da tradição do pensamento político já estava fatalmente determinada.

Arendt praticamente sela o destino de qualquer investigação sobre a tradição do pensamento político, que implicaria a partir deste momento, em reconhecer antes de qualquer coisa,

[4] A partir do paradigma indiciário, Ginzburg introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a ideia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis: as estruturas arcaicas e os conflitos entre diferentes configurações sócio culturais. Uma abordagem capaz de remontar uma realidade complexa, não experimentável diretamente, que parte da análise de casos bem delimitados, cujo estudo intensivo revela problemas de ordem mais geral e contesta ideias solidificadas sobre determinados fatos e épocas.

o esgotamento das formas tradicionais de tratar os assuntos políticos a partir da modernidade.

> Hoje, a tradição é algumas vezes considerada como um conceito essencialmente romântico, porém o Romantismo não faz mais que situar a discussão da tradição na agenda do século XIX; sua glorificação do passado apenas serviu para assinalar o momento em que a época moderna estava prestes a transformar nosso mundo e as circunstâncias em geral a tal ponto que uma confiança inquestionada na tradição não mais fosse possível. (ARENDT, 2011, p.53)

Essa perspectiva em Arendt é cunhada para a filosofia e para a política, toda via se aplica ao campo historiográfico, ao passo em que as teorias históricas sobre tudo do sec. XIX início do XX (historicismo, Escola metódica, positivismo,[5]) ao passarem por este crivo da tradição que a autora aponta, não conseguiria mais suprir as necessidades acadêmicas e tão pouco humanas de entender o mundo a sua volta.

O engessamento da teoria da história se fecha para o mundo real e suas constantes sinapses, sendo assim, se torna obsoleta frente ao mundo que supostamente se transforma através da ação do homem nele, o contexto sobre tudo político do sec. XX que procede a estas escolas teóricas bem como seus teóricos escapa ao entendimento cunhado ate então, uma vez que a ciência histórica se restringe em seu âmbito de pesquisa determinado por seus parâmetros negligenciando uma gama de outros aspectos imprescindíveis à historiografia bem como Ginzburg[6] afirma, o autor vem abordar uma nova perspectiva de pesquisa e análise para a compreensão do que ele chama de "método indiciário", torna-se necessário para o entendimento de sua elaboração uma perspectiva de análise que perpassa por alguns aspectos que Ginzburg julga preponderante para o embasamento de seu raciocínio.

> (...) é necessário, examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas as unhas, as formas dos dedos das mais e dos pés. Dessa maneira Morelli descobriu, e escrupulosamente catalogou a forma de orelha por Botticelli, a de Cosmé Tura e assim por diante; traços presentes nos originais, mas não nas copias. Com esse método, propôs dezenas e dezenas de novas atribuições em alguns dos principais museus da Europa. (GINZBURG, 1989, p144.)

Nessa perspectiva, faz-se importante analisar o que Carlo Ginzburg apresenta, de forma gradual, o que é denominado "método indiciário" ou também chamado "paradigma indiciário" sendo mais importante, neste aspecto, a proposta em dar um tratamento mais polido às pistas,

[5] Correntes históricas que surgem no cenário intelectual da Europa no sec. XIX e que são baseados em perspectivas padronizadas sobre como a história em quanto uma disciplina cientifica propriamente dita com suas práticas e teorias deve ser executada, destacam-se neste período Augusto Comte, Friedrich Hegel dentre outros.
[6] Historiador italiano nascido em 15 de Abril de 1939 pioneiro do estudo da micro historia.

observando uma possível verdade sobre um momento histórico ou objeto estudado que pode ser negligenciado pelas pequenas pistas. Ao perseguir um objeto de estudo, inúmeras informações muitas vezes, não são levadas a sério e, por isso, são descartadas, más, ao descartar pistas sem dar o devido tratamento, corre-se o risco de perderem-se valiosas informações sobre o assunto. É nesse caminhar que o autor que se torna um dos pioneiros da "micro história"[7], onde levanta a fase embrionária de novas tendências na investigação em virtude de uma necessidade analítica das fontes que até então não supri mais a necessidade cientifica da história que é constatada através da perspectiva Arendtiana de insuficiência da tradição diretamente ligada aos meios de pesquisa positivista.

> Nenhum historiador, no entanto, pode justificar seu trabalho corn base apenas no relato dos "fatos essenciais". Escrever história obriga à ação de interpretá-la. Nem mesmo a visão mais positivista e meticulosamente objetiva da história pode evitar a interpretação, no mínimo para uma seleção dos fatos considerados dignos de serem apresentados. (STAKELBERG, 2002, p.12)

Desse modo, a ruptura com tradição parece seguir a uma dupla perspectiva: de um lado, o entendimento de que as revoluções implementadas pela modernidade possibilitaram a chegada de elementos novos no campo da ciência especificamente da história, por outro de que o molde de ciência historiográfica ate então não supri aquilo e que é a demanda de entendimento deste novo mundo do séc. XX, em todo caso a historiografia enquanto teoria e correntes teóricas se reformulam ao passo que se desapegam de valores tidos como preponderantes até então, a fim de manter a História enquanto ciência coerente e afinada com as demandas do novo século, para Arendt essa efervescências de novas ideias frente as conservadoras não se deu aleatoriamente, existindo uma insuficiência da história e um risco de esta se tornar obsoleta, exigindo uma constante readaptação tal qual o teórico da história Marc Bloch salienta em seu livro "Ofício do historiador";

> (...) se os historiadores não ficarem vigilantes, a história arrisca-se a naufragar no descrédito e desaparecer de nossa civilização. Trata-se, naturalmente, da história como disciplina histórica, e Marc Bloch tem consciência de que, diferentemente da história, coextensiva à vida humana, a ciência histórica é um fenômeno ele mesmo histórico, submetido às condições históricas. Legitimidade da história, mas também fragilidade da história. (BLOCH, 1944, p.13)

[7] Corrente historiográfica surgida com a publicação, na Itália, da coleção "Microstorie", sob a direção de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, pela editora Einaudi, entre 1981 e 1988, consiste em uma prática de observação cuja a escala é reduzida aumentando o foco de observação sobre pequenos aspectos e fontes consideradas irrelevantes pelas correntes historiográficas predecessoras.

EXPERIÊNCIAS DO SEC. XX

Para Arendt a filosofia tradicional tem um inicio e um fim determinado, sendo sua gênese nos teóricos clássicos Platão e Aristóteles com a filosofia sendo utilizada apenas para entender o mundo a sua volta dentro e fora das cidades servindo de base para as matérias mais diversas como; matemática, oratória, astronomia dentre outros, e seu fim delimitado nas ideias de Marx ao unir a politica com a filosofia, conceito inovador uma vez que Marx não via os dois conceitos sendo aplicados à sociedade em separado, esta perspectiva pode ser aplicada na história ao passo em que sua gênese como história tradicional se vê em Heródoto considerado o pai da história, onde o conceito de história perpassa pelo crivo dos grandes acontecimentos, grandes guerras e grandes civilizações, se atendo apenas a isto, pode-se detectar que existe uma fragilidade na história dos grandes feitos que Arendt percebe se manter ate o sec. XX se findando nos teóricos da história que antecedem a grande guerra mundial, pois ate este momento a história ainda se dedica a registrar os feitos tal qual Heródoto o fazia, porem, através das fontes escritas obedecendo a um escopo limitador tal qual o "pai da história" criou e seguiu;

> Heródoto não se propunha, como o diz ele mesmo no começo de sua História, senão celebrar os feitos dos Gregos e dos Persas, e desenvolver os motivos que haviam levado estes povos a se fazerem a guerra. Entre as causas desta guerra, as havia distantes e próximas. (HERÓDOTO, 2006, p.22)

A herança de morte do século XX com duas guerras mundiais e a perplexidade dos acontecimentos políticos e a eclosão de regimes totalitários como o Nazismo e o Bolchevismo Stalinista perpetuaram novas formas de governo que se especializaram na fusão entre violência e política, principais características que posteriormente seriam a marca registrada destes movimentos totalitários, violência militar, a polícia e em alguns casos o exército foram os instrumentos de contenção fundamental no governo totalitário sem o qual esses regimes não poderiam se manter, foi através do braço armado do estado que o regime se sustenta em suas atividades sem ser importunado pelo povo insatisfeito, nesse sentido Hannah Arendt afirma que:

> Sempre que galgou o poder, o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Independentemente da tradição especificamente nacional ou da fonte espiritual particular da sua ideologia, o governo totalitário sempre transformou as classes em massas, substituiu o sistema partidário não por ditaduras unipartidárias, mas por um movimento de massa, transferiu o centro do poder do Exército para a polícia e estabeleceu uma política exterior que visava abertamente ao domínio mundial. (ARENDT, 1979, p.512).

Sendo assim Arendt afirma que por mais aterrador que seja a realidade da guerra existiu uma legitimidade que a embasou tanto a sua prática quanto as ideologias que a permearam, existindo uma articulação dos habitantes da Alemanha com propósitos holísticos e coesos afinados pelo estado que por sua vez corroborado pela massa executou as atrocidades que marcaram a Alemanha, nesse ponto é crucial entender que, existe uma razão que pode não ser plausível, mas é concebível dentro de um contexto preposto, e que este contexto preposto fez sentido para Alemanha nazista através de seu contexto politico totalitário, isto é: a história tentou fornecer subsídios para a compreensão da lógica do estado por mais difícil que seja digerir todo o contexto.

> Esse ceticismo sobre a utilidade analítica das categorias morais não visa absolutamente relativizar o mal do nazismo; pretende apenas atrair a atenção para o fato incontestável de que entre 1933 e 1945 muitas pessoas bem-intencionadas na Alemanha (e em outros lugares) acharam que o nazismo era um movimento adequado e construtivo. O historiador deve explicar por que isso aconteceu. Até a característica mais abominável do nacional-socialismo, o virulento anti-semitismo, que acabou levando ao Holocausto, tinha uma terrível lógica própria, que o historiador precisa explicar. (STAKELBERG, 2002, p.12-13).

No entanto, mesmo cabendo ao historiador explicar a lógica plausível do contexto gerador do nazismo não está este, incumbido de dar sentido aos fatos, pois a história não pode fazer com suas bases tradicionais. Arendt ao apontar a insuficiência da tradição na política, pode-se ter a sua ideia aplicada ao campo historiográfico, sendo assim, o período do sec. XX marcado pela segunda guerra mundial se torna um marco para a teoria historiográfica que delimita a ausência de sentido aos fatos dados através dos registros históricos, pois não há nada que o precede, e nem que possa fazer menção ao que se espera do futuro, Arendt na filosofia chama isto de ruptura, onde o passado se desvincula do futuro através de um presente sem a mínima condição plausível de existência baseada nos conhecimentos do homem acumulados ate então, más que é uma realidade posta indubitavelmente, sendo uma realidade posta e não precedida por nossa capacidade histórica, os meios teóricos se tornam obsoletos e novos paradigmas passam a ter, a partir do sec. XX campo fértil para seus desenvolvimentos, posto que a história tradicional não tem subsídios para dar conta segundo Hobsbawm.

> No nazismo, temos um fenômeno difícil de submeter-se à análise racional. Sob um líder que falava em tom apocalíptico de poder ou destruição mundiais, e um regime fundado numa ideologia absolutamente repulsiva de ódio racial, um dos países mais cultural e economicamente avançados da Europa planejou a guerra, lançou uma conflagração mundial que matou cerca de 50 milhões de pessoas, e perpetrou atrocidades – culminando no assassinato mecanizado em massa de milhões de judeus - de uma natureza e escala que desafiam a imaginação. Diante de Auschwitz, os poderes de explicação do historiador

parecem deveras insignificantes. (HOBSBAWM, 1995, p.94).

NAZISMO

Como marco histórico para o embasamento de Arendt, a autora toma o sec. XX como crivo de finalização da eficiência historiográfica tradicional, mais precisamente nos grandes acontecimentos bélicos da segunda guerra mundial, isto é, ao se chegar no ponto em que grupos de seres humanos se aniquilam, não mais por disputas banais inerentes ao expansionismo territorial ou aos recursos sejam eles diversos, e sim por critérios subjetivos baseados em especulações que não podem mais ser palpáveis, fugindo completamente ao molde historiográfico positivista da história ratificada pela fonte material, ao lançar um olhar clínico sobre o holocausto pode ser ver o quão irracional foram os motivos pelos quais o conflito se iniciara, o antissemitismo abertamente apoiado pelo estado, é baseado em preceitos de superioridade racial equivocadamente fomentados sob um olhar preconceituoso e xenófobo que em nada se vincula a ciência ou similar. Tendo isto como ápice de uma torrente de acontecimentos que marcam o século XX como sendo o ponto fora da curva nas perspectivas politicas bem como históricas uma vez que em nada o precede em nível de barbárie.

> Não resta dúvida de que, a esse respeito, nosso século deve ter ultrapassado seus predecessores. Um olhar retrospectivo impõe uma conclusão incômoda: este foi o século das grandes catástrofes humanas - duas guerras mundiais, o nazismo, sem falar das tragédias mais circunscritas, como as da Arménia, Biafra, Ruanda e outros países. (Courtois, 1999, p.6).

Nesse sentido que o pensamento de Hannah Arendt ao se por no contexto teórico histórico, fomenta a possibilidade de que o surgimento de novos paradigmas historiográficos que fazem frente ao positivismo se dá em virtude de uma incapacidade de o mesmo, poder dar sentido aos fatos, dentro da história dificilmente poderá ser encontrada algo que se assemelhe aos fatos do sec. XX, em nível de violência, legitimação da violência, estado xenófobo[8] e antissemita[9]. O desenvolvimento dialético hegeliano da tese e antítese [10]que levaria ao mundo sempre em um estágio de desenvolvimento progressivo e constante não se sustenta ao ver o desenvolvimento da

[8] Medo, aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros, a desconfiança em relação a pessoas estranhas ao meio daquele que as julga ou que vêm de fora do seu país com uma cultura, hábito e religião, diferentes.
[9] Preconceito ou hostilidade contra judeus baseada em ódio contra seu histórico étnico, cultural e/ou religioso.
[10] Realidade que primeiro "se apresenta", depois se nega a si própria e em um terceiro momento supera e elimina essa contradição.

humanidade culminar no sec. XX. Pois Dificilmente, historicamente falando poderá afirmar que foi um século de paz, marcado por acontecimentos que reiteram o progresso da humanidade, pelo contrário, o sec. XX é a marca da capacidade do homem retornar as suas raízes irracionais através de atos que são totalmente contrárias ao estilo de vida em sociedade que para a história, é uma das marcas do desenvolvimento humano.

> As primeiras histórias do Terceiro Reich tendiam a tratar o nazismo como uma misteriosa patologia, a encarnação de uma força maligna que, em última análise, só podia ser explicada em termos metafísicos, como se o demônio efetuasse uma intervenção direta nos assuntos humanos. Em vista dos horrores sem precedentes do Holocausto e da irracionalidade das obsessões raciais nazistas, é sem dúvida compreensível a tendência para pensar no nazismo como carente de qualquer explicação racional. (STACKELBERG, 2002. p.12).

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo, Perspectiva, 2011.

ARENDT, Hannah. **Origens Do Totalitarismo.** São Paulo, Schocken Books, 1979.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** ZAHAR, 1949**.**

COURTOIS, Stéphane. **O LIVRO NEGRO DO COMUNISMO, Crimes, terror e repressão.** Rio de Janeiro, Art Line, 1999.

GINZBURG, Carlo **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

HERÓDOTO**. História,** EBooksBrasil, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Era Dos Extremos O Breve Séc. XX.** São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

STACKELBERG Roderick. **A Alemanha De Hitler: Origens, Interpretações, Legados,** Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SHIO Maria Sonia. **Hannah Arendt Historia e Liberdade – Da ação á reflexão.** Clarinete 2º Ediçao, 2012.